

**mahmud
darwich**

**ONZE
ASTROS**

prefácio e tradução **Michel Sleiman**

Tabla

Notas para *Onze astros* **7**

Onze astros no último céu andalusino **19**

Discurso penúltimo do “índio vermelho” diante do homem branco **45**

Numa pedra cananeia no Mar Morto **65**

Elegeremos Sófocles **75**

O longo inverno de Rita **87**

Um cavalo para o estrangeiro **99**

Notas para *Onze astros*

Em entrevista dada em sua última residência, em Amã, na Jordânia, em 2005, ao poeta e crítico literário libanês Abdo Wazen e publicada no jornal londrino *Al-Hayat*, Mahmud Darwich, então com 64 anos, sublinhou que seu “nascimento como poeta” só se completou nos anos 1980, quando vivia em Paris, depois de passar por diferentes localidades e experiências desde que se exilou de sua terra natal, em 1970.

Fora da Palestina, Darwich viveu em grandes centros urbanos. Estudou por quase um ano em Moscou, depois morou outros dois anos no Cairo até que, finalmente, fixou residência mais demorada em Beirute.

Na capital libanesa, editou por anos a revista *Assuntos palestinos*, ligada à OLP — organização liderada pelo amigo Yasser Arafat —, além de fundar a revista *Al-Karmel*, em 1981, de periodicidade trimestral, projeto literário de que se ocupou até o fim da vida. Alguns meses depois da invasão israelense ao Líbano,

em junho de 1982, e do conseqüente fechamento do escritório da OLP, a permanência de Darwich em Beirute ficou inviável, o que o levou a buscar exílio primeiro em Túnis, que passou a sediar a então alquebrada OLP, e logo mais em Paris.

Nos dez anos em que morou na capital francesa, o poeta alternou residência com a capital do Chipre, Nicósia, onde imprimia a revista *Al-Karmel* que editava em Paris enquanto se dedicava às demais atividades criadoras em prosa e verso. São precisamente os escritos parisienses que nos levam ao Darwich de *Onze astros*, obra publicada em 1992 pela editora beirutense Al-Awda.

Onze astros é o livro que recupera temas e princípios do verso que, com Darwich, formam uma alternativa à modernidade preconizada pelos avatares da poesia reunidos em Beirute em torno de revistas como *Adab* e *Chiir*, com as quais Darwich colaborou eventualmente, tendo coeditado por um ano a revista *Mawáqif*, fundada por Adonis, poeta sírio conhecido pelo leitor brasileiro, que igualmente se radicou em Beirute desde os finais dos anos 1950, e igualmente se exilou em Paris após a invasão de 1982.

O tema da pátria ocupada e da nação usurpada pelo invasor estrangeiro, o tema do exílio interno de quem se vê desterritorializado dentro do próprio país, ou do exílio de quem se encontra fora da terra natal, o tema do embaralhamento ou mesmo da perda da identidade de quem se encontra exilado ou subtraído de seus direitos à terra e a sua historicização, o tema da percepção dessas estranhezas, enfim, que identificam facilmente um não judeu que tenha nascido nas terras da Palestina ou que descenda de quem

dali se expulsou ou se exilou, tudo isso é o tema de *Onze astros*, levado, porém, à universalização, ao tempo e lugar do outro, digamos, dos outros.

O palestino que perde a casa e a adjacente terra para o estrangeiro judeu reconquistador de 1948, quando se decretou o Estado de Israel, e para o israelense conquistador de 1967, ano em que se deu a Guerra dos Seis Dias, é o andalusino de Granada que perde a casa para o reconquistador de Castela no ano de 1492. É também o ibérico, em vaivém de cigano, que perde a casa para o conquistador árabe no pretense ano de 711: “conquista, reconquista,/ o tempo antigo entrega ao tempo novo as chaves de nossas portas./ (...) o Alandalus/ era aqui ou lá? Na terra ou no poema?”. Com isso, os violinos que se ouvem em “Onze astros no último céu andalusino”, poema que abre o livro, choram uma mesma e várias perdas.

Num passo adiante, o palestino de 1948 é o índio americano de 1492 que perde a terra para Colombo e seu deus, o deus dos brancos; e o errante palestino, a cada dia mais subtraído em seu direito de retorno à terra — por efeito dos malfadados Acordos de Oslo, gestados desde 1991 em Madri e reafirmados em 1993 na cidade norueguesa, a contragosto de Darwich e de muitos outros intelectuais palestinos —, é o Chefe Seattle de 1854, que vê (re) negado por Franklin Pierce, presidente dos EUA, o direito de existir a nação dos Duwamish, a quem o presidente acena com intenções de “comprar” suas terras. O segundo poema do livro, “Discurso penúltimo do ‘índio vermelho’ diante do homem branco”, é uma

ode à natureza e ao laço estreito e figadal que une o homem à terra em que nasceu e viveu e desta o faz brotar, geração após geração, em ininterrupto testemunho dos mortos presentes nas substâncias que compõem o solo. É esse o nexó que liga o canto americano ao canto seguinte, cananeu, terceiro poema do livro.

Os manuscritos encontrados em cavernas de Qumran, na Cisjordânia, a poucos metros da margem noroeste do Mar Morto, em finais da década de 1940 e no decorrer dos anos 1950, têm sua entrada na história ao mesmo tempo que palestinos não judeus são banidos de suas casas e terras e Israel estende a política de asseio local. Após um vácuo de algumas décadas, os tais manuscritos passam a circular precisamente em 1991, ano em que os Acordos de Oslo começam a ganhar forma. Aqui um paralelo inevitável: a história do povo palestino, judeu e não judeu, é anterior aos judaísmos, cristianismos e islamismos. A Canã darwichiana do poema “Numa pedra cananeia no Mar Morto” desconhece o exclusivismo hebreu ou árabe, e o poeta cananeu diz-se assentado sobre uma pedra (menos corrosível decerto que a folha de papiro), em cima da qual engasta a gênese de uma voz contínua: “E aquelas nossas vozes/ e aquelas vozes deles entrecortam-se por cima das colinas, formando um só eco/ ao eco, fundindo uma flauta em outra, e o vento uiva e uiva, em vão,/ como se nossos hinos no outono fossem hinos deles no outono,/ como se o país estivesse a sussurrar-nos o que dizer”.

Daí o enlace com o quarto poema do livro, “Elegeremos Sófocles”, que toma o autor de *Édipo Rei* como o antecessor dire-

to do cananeu tornado árabe com a generalizada arabização de Canaã (hoje Israel, Cisjordânia, Faixa de Gaza, Líbano, Síria, Jordânia) e palestino com a traição do irmão instaurado israelense uma vez restaurado o Estado mítico de Sião. Por isso mesmo, para ocupar o posto de pioneiro da poesia palestina a voz de Darwich elege o poeta grego do século V a.C. antes do que o hijaziano Imru Alqays do século V d.C., que os árabes muçulmanos tomam consensualmente por primevo: “para [justamente] interromper o ciclo” das pertenças que estreitam a identidade e forjam descon-tinuidades, marcando forte a linha das fronteiras, fatiando o céu de todos.

O amor impossível, interrompido, é outro eixo temático de *Onze astros*, depois de tratar da ocupação e da origem comum e mais profunda dos povos, mencionadas acima. Rita, no quinto poema do livro, é o nome de mulher que aparece em outros dois poemas da juventude de Darwich. O primeiro, “Entre Rita e meus olhos há um fuzil”, faz parte do livro *Fim da noite*, de 1967, e popularizou-se na composição musical e voz do libanês Marcel Khalife como um legítimo hino do amor impossível. O segundo, “Ame-me, Rita”, apareceu em *Os pássaros morrem na Galileia*, de 1969. “O longo inverno de Rita”, em *Onze astros*, soa, contudo, muito diverso na proposição de tal amor, ao embaralhar o feminino com a autopercepção do masculino e só concretizar-se enquanto projeção de corpos e mentes, num espaço — o quarto do casal —, que pode ser o recinto íntimo tanto de uma casa como de um hotel, e num tempo, que pode ser o dos corpos maduros no agora,

ou dos corpos jovens de quando o amor foi ceifado pelas contingências da guerra: o dele, palestino, é dado como um corpo partido para o exílio; o dela, judia, é dado como um corpo a engrossar as fileiras das Forças Armadas de Israel: “colocou seu pequeno revólver no rascunho do poema,/ jogou as meias na cadeira, e o arrulho se quebrou./ Foi, descalça, ao desconhecido, e eu... a partida me acolheu”. O poeta aplica à questão do amor impossível o filtro do olhar em perspectiva, projetando-o ora para a frente ora para trás, em condução a cargo não dele, nem dela, mas do leitor, das lentes do olhar desse leitor.

“Um cavalo para o estrangeiro”, poema que encerra *Onze astros*, aborda o homem quebrado e jogado num cenário de desertificação, seja pela ação das guerras, seja pela traição dos pares. Trata-se da elegia de um poeta palestino a certo poeta iraquiano, arrancados, ambos, da terra verdejante: “Deserto para a voz, deserto para o silêncio, deserto para a insensatez eterna./ Deserto para as tábuas da lei, para os livros nas escolas, para os profetas, para os sábios./ Deserto para Shakespeare e para todos que procuram Deus no humano./ Aqui escreve o último árabe: sou o árabe que não existiu”.

Últimos e inevitáveis paralelos: Canaã e a Babilônia, berços da civilização ocidental, estão sob ataque. Em 1991, o Iraque é bombardeado desde o sul pelas forças coligadas de Reino Unido, Egito e Arábia Saudita, sob a liderança dos EUA de George Bush pai. No mesmo ano, avançam os Acordos de Oslo, cujas formulações indicavam mais fechamento das portas de Israel para o tão sonha-

do retorno dos exilados a suas terras na Palestina. Àquela altura, Tamari Ben Ami, que Darwich conheceu na juventude — ele com 23 anos, ela com 17 —, a mulher judia que, diz-se, inspirou a Rita dos três poemas, vai a Paris na promessa de reencontrar o amor interrompido pelos conflitos de 1967. É o que nos diz Tamari em 2014, no belo documentário *“Write Down: I Am an Arab”*, de I. M. Menuhin: já não se encontram no quarto de hotel, que os reuniria. O longo inverno que se instalou entre ambos parecia intransponível: “Ela disse: Voltarei depois que os dias e os sonhos tiverem mudado. Rita... é muito longo/ este inverno, e nós somos nós”.

É clara a linha dorsal temática em *Onze astros*, que parte dos dramas percebidos no coletivo e chega aos dramas do indivíduo (ou será o inverso?), sem que uma esfera esteja esvaziada da outra, ou seja, as questões do coletivo são compartilháveis pelo indivíduo em seu domínio mais recôndito, o amor: carnal ou fraternal. Isso é possível ao poeta porque a matéria da realidade de onde partem seus poemas é colhida do tato, do testemunho ocular e das demais percepções dos sentidos, sendo fruto da experiência vital, da cotidianidade. A pátria não é um conceito abstrato, mas o punhado de terra revirado no plantio e na colheita do cidadão homem e mulher. A matéria mítica também é de foro íntimo, porque o lugar da fala de Darwich é o da linhagem não do nome mas das gentes que se revezaram na terra cananeia ao longo dos milênios. “Os profetas são todos minha família”, ele diz.

Olhar para o mundo árabe desde Paris... Esse distanciamento, na avaliação do poeta, permitiu a ele passar pelo crivo

a poesia de anos anteriores. O engajamento de sua poesia de juventude — que lhe valeu o reconhecimento como “poeta nacional”, devido a poemas que se tornaram efetivamente populares, colados na boca do povo, como a canção “Saudade do pão de minha mãe” e a citada “Entre Rita e meus olhos há um fuzil”, ou o emblemático “Anote: eu sou árabe”, todas composições do jovem Darwich residente em Haifa — deu lugar a uma poesia avizinhada da subjetividade e das questões do mundo. Mas tal subjetividade Darwich centra na Palestina, o umbigo do mundo que lhe importa, em profusão contínua de motivos que fazem daquele pedaço de chão o paraíso perdido, instância e lugar aos quais se pleiteia retornar a cada novo livro publicado e a cada leitura pública de seus poemas. Em *Flores a menos*, de 1986, o poema “Eu sou José, meu pai”, que faz referência explícita a uma passagem corânica da Sura 12, formula as perguntas a que *Onze astros*, de 1992, responde em seis longas jornadas poemáticas: “O que eu fiz, meu pai, e por que eu? Você me chamou de José, e eles me empurraram no poço, e culparam o lobo, mas o lobo é mais complacente que meus irmãos... Meu pai! Cometi algum crime quando disse ter visto onze astros, o Sol e a Lua, a reverenciarem-me prostrados diante de mim?”. A perda do colo familiar equivale, pois, à queda do paraíso e, nesse sentido, o senso do Adão árabe o leva a perceber duas perdas: a do paraíso celestial, quando da desobediência, e a do paraíso andalusino, quando da conquista de Granada por Fernando de Aragão e Isabel de Castela. Mas Darwich sublinha uma repetição importante no poema “Onze astros no último céu andalusino”, quando sobrepõe

recidivas perdas árabes: a andalusina, na iminência da conquista do Novo Mundo em 1492, e a cananeia-palestina, quinhentos anos depois. O rei granadino Boabdil, que a tradição literária hispânica perpetuou em cantares de tom elegíaco, é agora Darwich acompanhado da lira de Lorca e das oliveiras dos dois paraísos... perdidos: “Sou o Adão de dois paraísos que perdi pela segunda vez./ Então, expulsem-me devagar/ e matem-me rápido./ Debaixo de minha oliveira./ Com Lorca”.

Onze astros apresenta seis longos poemas líricos, formados por versos igualmente longos, em diversificada disposição estrófica, que à primeira vista pareceriam prosa não fossem versos de fato, com plangência notável, decantada e vigorosa, meditativa e convidativa à leitura de imersão. A pertinência ou não do verso livre esteve no centro das discussões sobre a modernidade desde a virada do século XX, e não foi diferente nos países árabes. A objeção que enfrentou esse recurso poético centra-se sobretudo no entendimento que se tinha quanto ao metro e ao ritmo, elementos do poema árabe que vinham já atados por conceito, numa tradição literária de prestígio, desde pelo menos o século IX, quando teve início a transmissão por escrito nos centros de cultura da época: Damasco, Alepo, Kufa, Basra, Bagdá e, algo mais tarde no oeste, no Cairo, em Córdoba, Sevilha e Kairuan, além de, mais a leste, a não menos importante cidade palestina de Safad. Em todas essas localidades, escolas, mesquitas, centros universitários, ateliês de copistas, a poesia recebeu o selo de reconhecimento. Quase nada do que se legou chegou-nos sem a garantia de qualidade literária,

ao menos na arte do verso. A excelência do poema se media na correção linguística, na precisão métrica atrelada à rima, na força da expressão e na capacidade de um símile revelar algum aspecto inusitado ainda de um tópico arquiconhecido: a beleza é um rosto redondo e brilhante contornado por mechas escuras de cabelo ondulado que em tudo lembram a Lua cheia furando o manto denso e escuro da noite profunda. Mas tal beleza foi abruptamente assolada em meados do século XX pelos poetas e suas novas perspectivas de lirismo, dadas num prisma de infinitas possibilidades. A de Darwich enfrenta sem temor ou pudores a linha da prosa, mas não toma seu lugar, nem se coloca como seu antípoda. Seu verso e sua expressão reconduzem a verve neoclássica lá aonde a modernidade da poesia submete o verso ao ritmo da prosa e aonde, por outro lado, essa modernidade procura um caminho para o verso de todo alheio a tal ritmo. Daí a reverberação do verso de Darwich entre a plateia acalorada e levada muitas vezes ao frenesi. *Onze astros* e seu poema denso em verso longo dado em muitas divisões prestam-se também à leitura pública e sem pressa, alimentada por aplausos e lágrimas de exaltação. Você, leitora, leitor, tem nas mãos uma prova disso.

Uma última palavra devo dizer ainda, como tradutor: registrar meu agradecimento às muitas pessoas que acompanharam ativamente este trabalho iniciado há aproximadamente dez anos, quando publiquei com Safa Jubran uma primeira versão do poema de abertura deste livro na revista *Zunái* e, posteriormente, uma primeira versão do quinto poema na revista *Teresa*. A Safa e aos editores expresso

minha gratidão e alegria pelos passos que trilhamos juntos nas várias etapas de acercamento a este livro. Agradecimento carinhoso e especial ao companheiro Josué Azevedo dos Santos e às mestras e generosas amigas Yara Frateschi Vieira e Lênia Márcia de Medeiros Mongelli, que nestes tempos de confinamento borraram a percepção em mim do trabalho solitário, enriquecendo os poemas com suas sugestões e correções à medida que os textos iam sendo traduzidos, melhorando-os sensivelmente. Gratidão imensa, sobretudo, a Laura Di Pietro, que sorriu sempre acreditando no projeto da editora Tabla e confiou a mim a tarefa de traduzir um primeiro livro integral de versos desse íntegro “Poeta da Palestina”.

Michel Sleiman

São Paulo, fevereiro de 2021

Onze astros no último céu andalusino

I

Última noite nesta terra

Na última noite nesta terra, arrancamos nossos dias
dos arbustos e separamos as costelas, as que levaremos junto
e as que deixaremos aqui, na última noite
não temos tempo para despedidas, ou tempo para acabar as coisas,
tudo fica como está, é o lugar que vai trocar nossos sonhos
e vai trocar seus visitantes. De súbito, não saberemos como brincar,
porque o lugar já aguarda seu hóspede pó aqui, na última noite
contemplamos as montanhas cercadas pelas nuvens: conquista, reconquista,
o tempo antigo entrega ao tempo novo as chaves de nossas portas.
Entrem, então, conquistadores, entrem em nossas casas, bebam de nosso vinho
e de nossas doces *muachahát*. A noite é o que somos depois da meia-noite,
sem o alvorecer trazido nas patas de um cavalo emissário do último chamado à oração.
Nosso chá é verde e quente, bebam-no, nosso pistache é crocante, comam-no,
nossas camas são verdes, da madeira do cedro, usem-nas para descansar
após tão longo cerco, e durmam sobre as plumas de nossos sonhos,

as camas estão forradas, o perfume recende à porta, há tantos espelhos, entrem,
nós sairemos de vez e logo procuraremos saber
como era nossa história em torno da história de vocês no país distante,
vamos ao final nos perguntar: o Alandalus
era aqui ou lá? Na terra ou no poema?

II

Como escrever na nuvem?

Como escrever na nuvem o testamento de meu povo? Nossa gente abandona o tempo como quem deixa um manto em casa e, toda vez que alguém ergue um forte, outro o derruba e, em seu lugar, arma uma tenda por saudade da palmeira original. Nossa gente trai nossa gente nas guerras em defesa do sal. Mas Granada é feita de ouro e da seda que as palavras bordam com amêndoas, é feita da prata que a corda do alaúde arranca em lágrimas. Granada sobe à alta cima de si mesma e é dela o que aspira a ser: saudade de tudo o que passou e passará: a asa da andorinha roça o seio da mulher na cama, e ela grita: Granada é meu corpo, alguém perde a gazela nas estepes e grita: Granada é minha terra e eu sou de lá... cante! para que o pássaro-de-seda chegue ao céu pelos degraus de minhas costelas, cante a bravura de quem escala a morte a cada lua nos becos da amada, cante as aves do jardim em cada uma de suas pedras. Amo-a, e tanto... você que me fragmentou

no caminho até a noite acalorada, cante
não haverá outra manhã que recenda a café depois de Granada... cante minha partida
deixados o arrulho da pomba em seus joelhos e o ninho de minha alma nas letras
que desenharam seu nome, Granada, você nasceu para isto, o canto, cante!

III

Atrás do céu tenho um céu

Atrás do céu tenho um céu para voltar, mas
continuo a polir o metal deste lugar, dando vida a uma hora
que entreveja a ausência. Sei que é um só o pacto
com o tempo, como sei que sairei de meu estandarte
como um pássaro que passa batido pela árvore do jardim,
sairei de minha pele, e de minha fala
cairão palavras sobre o amor
nos poemas de Lorca que habitará comigo o quarto de dormir
e verá comigo o que vi da lua beduína. Sairei
das amendoeiras como um algodão na espuma do mar.
Um estranho passou aqui carregando setecentos anos de cavalos.
Passou aqui para que um estranho passe lá. Sairei em instantes
das dobras de meu tempo, serei um estranho para a Síria e para Alandalus.
Esta terra não é meu céu, mas esta noite é minha noite,
as chaves são minhas, os minaretes são meus, os lampiões, e eu

sou meu. Sou o Adão de dois paraísos que perdi pela segunda vez.
Então, expulsem-me devagar
e matem-me rápido.
Debaixo de minha oliveira.
Com Lorca.

IV

Como um rei do fim

... e como um rei do fim... apeio de meu cavalo
no último inverno. Sou o último suspiro árabe.
Não apareço para a murta nas soteias das casas, nem olho
para os lados para não ser visto por alguém que eu conheça, alguém
que saiba que lapidei o mármore das palavras para minha mulher cruzar
descalça as poças de luz. Não apareço para a noite para não ver a lua
que antes acendia os segredos de Granada em cada corpo.
Não apareço para a sombra para não ver alguém
correr atrás de mim, a carregar meu nome, e dizer:
tome de mim seu nome e dê-me a prata do álamo. Não me viro
para trás para não lembrar que passei sobre a terra: não há terra
nesta terra desde que o tempo se quebrou em estilhaços ao meu redor.
Não fui o apaixonado que acredita ver espelhos na água,
como eu disse aos velhos amigos, e nenhum amor virá em meu socorro.
Desde que aceitei o “pacto da errância” não tenho mais um presente

para amanhã ter por perto meu ontem. Castela
vai erguer sua coroa no minarete de Deus... escuto o tilintar das chaves
na porta de nossa dourada história. Adeus a nossa história.
Serei eu a fechar a última porta do céu?
Sou o último suspiro árabe.

V

Um dia me sentarei na esplanada

Um dia me sentarei na esplanada — da estranheza.
Não fui um narciso, mas zelo por minha imagem
nos espelhos. Já não estive aqui outro dia, ó estranho?
Quinhentos anos se passaram, e se acabaram, mas o rompimento entre nós
não é total. As cartas não cessaram. As guerras
não mudaram os jardins de Granada. Um dia passarei por suas luas
e roçarei meu desejo num limão. Abrace-me, e assim renasço
dos ventos de sol e rio sobre seus ombros,
renasço dos pés que arrancam a tarde e vertem lágrimas de leite para a noite do poema...
Não fui o efêmero na voz dos cantadores, fui a letra dos cantadores, a paz
entre a Pérsia e Atenas, um Oriente abraçado a um Ocidente
numa viagem até a mesma essência.
Abrace-me, e assim renasço das espadas damascenas nas lojas.
O que sobrou de meu é só a armadura antiga, a sela dourada do cavalo.
O que sobrou de meu é só um manuscrito de Averróis, o Colar da Pomba, as traduções...

Costumava sentar-me na esplanada ante o Largo do Crisântemo
e contar as pombas: uma, duas, trinta... e as meninas que
raptavam a sombra das árvores sobre o mármore, deixando para mim,
amarelas, as folhas do tempo. O outono passou por mim e não me dei conta.
Passou inteiro o outono, nossa história passou sobre a esplanada...
e não me dei conta!